

O mundo novo é de fato novo: análise comparativa das descrições da flora das Américas feitas por Bartolomé de Las Casas e Gonzalo Fernández de Oviedo

Luiz Mors Cabral *

Resumo: A descoberta do Novo Mundo revelou a fragilidade de grande parte dos conhecimentos vigentes na Europa até então. As novidades na geografia, o desconhecimento de parte da fauna, da flora, e até mesmo o contato com outros povos e culturas levou a profundas mudanças epistemológicas. Os relatos dos primeiros cronistas do descobrimento refletem métodos empíricos de sistematização do conhecimento, misturando filosofia escolástica e humanística com fontes clássicas e medievais – discursos que eram combinados de maneiras distintas de acordo com as perspectivas ideológicas dos autores. Este trabalho examina as descrições de plantas nas crônicas de Bartolomé de Las Casas (1474-1566) e Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés (1478-1557), dois dos mais importantes cronistas do descobrimento, analisando o papel que tiveram na solução da crise epistemológica inaugurada com a descoberta do Novo Mundo. Apesar do comprometimento de ambos com a descrição da natureza que eles observavam, seus relatos apresentam profundas diferenças em aspectos tanto ideológicos quanto linguísticos, impactando de forma desigual no surgimento da história natural e da revolução científica.

Palavras-chave: epistemologia; novo mundo; representações da flora; Las Casas, Bartolomé de; Oviedo, Gonzalo Fernández

The new world is indeed new: comparative analysis of the Flora of Americas made by Bartolomé de Las Casas and Gonzalo Fernández de Oviedo

* Departamento de Biologia Celular e Molecular do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense, Campus Valonguinho. Rua Outeiro São João Batista s/n Centro, Niterói, RJ. CEP 24020-140. E-mail: luizmors@gmail.com

Abstract: The discovery of the New World revealed the fragility of much of the knowledge prevailing in Europe until then. The innovations in geography, the ignorance of part of the fauna, the flora, and even the contact with other peoples and cultures led to profound epistemological changes. The accounts of the early chroniclers of the discovery reflect empirical methods of systematizing knowledge, blending scholastic and humanistic philosophy with classical and medieval sources – discourses combined in different ways according to the authors’ ideological perspectives. This work examines the descriptions of plants in the chronicles of Bartolomé de Las Casas (1474-1566) and Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés (1478-1557), two of the most important chroniclers of the discovery, analyzing the role they played in the solution of the epistemological crisis inaugurated with the discovery of the New World. Despite their commitment to the description of nature they observed, their accounts show profound differences both ideological and linguistic aspects, contributing in different ways to the emergence of natural history and the Scientific Revolution.

Key words: epistemology; new world; representations of flora; Las Casas, Bartolomé de; Oviedo, Gonzalo Fernández

1 INTRODUÇÃO

A conquista do Novo Mundo levou a uma mudança fundamental na história do conhecimento humano. Nos anos que se seguiram à chegada de Colombo à América, os esforços europeus para descrever a realidade física de uma terra até então desconhecida revelou que uma parte dos conhecimentos instituídos na Europa eram incapazes de explicar os novos fenômenos, plantas e animais do Novo Mundo. Os cronistas dos descobrimentos tinham a tarefa não apenas de observar e relatar, mas também de categorizar suas observações e, frequentemente, encontravam dificuldades relativas a como adequar à nova realidade conceitos já existentes, advindos da Europa. Conforme demonstrou Jorge Cañizares Esguerra em seu trabalho sobre a história da ciência na América espanhola, os primeiros relatos da natureza no novo mundo são um demonstrativo dessa tentativa de compreensão da nova realidade, e são resultado do conflito entre as diversas tradições intelectuais e artísticas que se misturavam, muitas vezes de forma desarmoniosa, com a ciência nascente (Cañizares Esguerra, 2006).

Neste trabalho serão analisadas e comparadas as maneiras como dois cronistas dos descobrimentos, Bartolomé de Las Casas (1474-1566) e Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdés (1478-1557), descrevem a flora das Américas, e o que esses relatos nos dizem sobre a solução da crise epistemológica que se iniciou com a descoberta do Novo Mundo.

1.1 Bartolomé de Las Casas

De acordo com o trabalho biográfico de Angel Losada, é provável que Bartolomé de Las Casas tenha nascido em Sevilha em 1474 (Losada, 1971). Seu pai, Pedro de Las Casas, foi um mercador muito próximo de Cristóvão Colombo (1451-1506), que inclusive participou de sua segunda viagem às Américas, entre 1493 e 1496. O interesse de Las Casas pelo Novo Mundo começou ainda em sua infância. Com oito anos ele testemunhou o retorno dessa expedição e viu os pássaros exóticos, artefatos estranhos e até os índios que o almirante tinha trazido. Em sua dissertação de mestrado, Ana Cláudia Magalhães Pitol defende que, já em sua primeira expedição, Colombo havia levado para a Europa três indígenas como escravos. Na segunda, pelo menos 500 embarcaram e, em suas quatro expedições, o número total ultrapassou 3.000. Muitos desses indígenas não chegaram à Europa, sucumbindo à viagem de quase dois meses no navio. Outros morriam ao chegar, por não possuírem anticorpos para se proteger de doenças locais. Os sobreviventes eram usados como figuras exóticas e mostrados ao público como seres *diferentes*, utilizado em trabalhos domésticos ou como escravos em trabalhos de mineração (Pitol, 2015). Um dos índios trazidos na segunda viagem de Colombo havia sido escravizado pelo pai de Las Casas, e foi companheiro de Bartolomé durante sua infância e adolescência.

Bartolomé recebeu instrução primária e secundária em Sevilha, onde estudou humanidades e se bacharelou em artes (Losada, 1971). Com esta formação pleiteou um lugar junto às chamadas ordens religiosas menores (níveis hierárquicos mais baixos do ministério eclesiástico), tornando-se padre catequizador. Esse ofício o levou ao Novo Mundo em 1502, com a idade de dezoito anos. Ia como catequizador da expedição do governador colonial Nicolas de Ovando (1460-1511), mas também para assumir as terras na ilha de

Hispaniola¹ (atual Santo Domingo) que seu pai havia recebido de Colombo.

Las Casa desembarcou em Hispaniola em 15 de abril de 1502 e, nos primeiros anos seu estilo de vida não foi diferente do de nenhum outro colono imigrante. Ele administrou a propriedade de seu pai usando mão-de-obra indígena (Losada, 1971), e toma parte nas guerras que Ovando fez contra índios rebeldes.

Bartolomé retornou a Sevilha em 1506 buscando continuar sua formação eclesiástica, e se ordenou sacerdote em Roma em 1507. Ele retornou ao Novo Mundo em 1510, acompanhando como capelão a expedição de Pánfilo de Narváez (1470-1528) a Cuba. Nessa missão, ele testemunhou as atrocidades dos homens de Narváez contra os nativos, e observou:

[...] mesmo após as batalhas sangrentas, os indígenas sobreviventes permaneciam recebendo um tratamento desumano sob o sistema econômico de *encomienda*² (Parish, 1992, p. 68, destaque nosso).

No 4º domingo do Advento em 1511, Las Casas acompanhou quando o Frei Antônio Montesinos leu o sermão do dia:

Como profeta com o dedo em riste, aponta o pecado social da colonização injusta e opressora: esta voz lhes está bradando: vocês estão todos em pecado mortal, nele vivem e morrem, pela crueldade e tirania que praticam contra esse povo inocente. Digam: com que direito e com que justiça vocês mantêm estes índios em tão cruel e horrível servidão? Com que autoridade vocês têm feito guerras tão detestáveis contra esta gente que estava tranquila e pacífica em suas terras, onde as multidões incontáveis delas, com mortes nunca dantes vistas, vocês exterminaram? Como vocês os mantêm na opressão e na fadiga, sem dar-lhes de comer e curar-lhes as enfermidades que contraem em razão dos excessivos trabalhos que vocês lhes impõem?

¹ Hispaniola foi o nome dado à ilha descoberta por Cristóvão Colombo em 1492, e que hoje é dividida entre o Haiti e a República Dominicana.

² A *encomienda* foi uma instituição jurídica imposta pela Coroa espanhola visando regular o recolhimento de tributos e circunscrever a exploração do trabalho indígena. Ao *encomendero* era permitido explorar o trabalho de um determinado número de nativos e, a partir dos lucros da atividade, uma certa quantia em tributos deveria ser paga à Coroa.

Eles chegam a morrer, ou, para melhor dizer, vocês os matam para arrancar e adquirir ouro cada dia. (Josapaht, 2000, pp. 52-53)

Tendo testemunhado a realidade dos nativos e a forma como os espanhóis os tratavam, o sermão, e a tomada de posição dos dominicanos tiveram uma influência decisiva sobre Las Casas. Ele rompeu radicalmente com o sistema de exploração dos índios, renunciou à sua *encomienda* e a seus índios escravos, propondo-se a pregar exigindo respeito ao direito dos índios e buscando efetivar um novo modelo de colonização. Em 1515, ele voltou para a Espanha e transmitiu, em um relatório detalhado para as autoridades (inclusive para o futuro Rei Carlos I), suas impressões sobre as atrocidades cometidas contra os indígenas do Novo Mundo. Francisco Ximénez de Cisneros (1436-1517), Arcebispo de Toledo, deu crédito às suas palavras e o nomeou seu conselheiro para assuntos das Índias. Esse cargo e as posições defendidas por ele trarão grandes inimigos, sejam eles inimigos políticos, religiosos ou ligados aos interesses econômicos (Losada, 1971).

Em 1520, Las Casas conseguiu autorização do rei Carlos V para seu projeto de colonização pacífica das terras no Novo Mundo. Aplicou suas ideias em Cunamá³, em uma terra oferecida pelo próprio Rei para a aplicação de suas ideias. Para lá, levou colonos vindos da Europa para fazer o trabalho que antes era destinado aos Índios. O projeto fracassou no ano de 1522, com o ataque indígena na aldeia de Las Casas, exterminando grande parte dos colonos que ali estavam. O próprio Las Casas escapou apenas por que estava em viagem. Após esse episódio, Bartolomé retornou à Europa e ingressou na ordem dominicana, retomando seu período de estudos. Nos próximos anos, estudou “principalmente Tomás de Aquino, que passa a ser sua principal influência teórica” (Wagner & Parish, 1967, p. 133).

Por mais de cinquenta anos, Las Casas contestou incansavelmente, tanto no campo político como jurídico, os métodos espanhóis de conquista das Américas. *Apologética Historia Sumaria*, sua obra

³ Cidade venezuelana, capital e sede do Estado de Sucre. É a cidade mais antiga entre as que ainda existem do continente americano, e foi o local escolhido pela Coroa espanhola para receber a tentativa das ordens dos Dominicanos e Franciscanos de uma colonização pacífica, sem o uso das armas e sem o comércio de escravos.

principal, é uma defesa dos direitos dos índios que inclui farto material etnográfico e apresenta uma longa descrição da natureza do Novo Mundo (Las Casas [1536], 1992).

1.2 Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés

Em seu trabalho sobre a vida de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, Kathleen Myers atesta que ele nasceu em Madri, em uma família de nobres asturianos. Seu envolvimento direto com a Corte espanhola começou em 1478, com doze anos, quando ele se tornou camareiro de Don Juan, filho do Rei Fernando de Aragón (Myers, 2007). Assim como Las Casas, ele testemunhou e foi profundamente afetado pelo retorno triunfal de Colombo, mas, ao contrário de Las Casas (que assistiu ao evento nas ruas de Sevilha), ele estava presente no evento como um membro da corte. Com a morte súbita, em 1497, do jovem Don Juan, Oviedo partiu para a Itália como secretário de Gonzalo Fernández de Córdoba (1453-1515), então embaixador da Espanha na Itália⁴. Durante seu período na Itália, Oviedo conheceu a elite artística da época, travando amizade com Leonardo da Vinci e Michelangelo. Em 1502, retornou a Espanha, onde serviu na corte de Fernando, o Católico, depois da morte da rainha Isabel, desempenhando várias funções no serviço público. Em 1506, foi nomeado notário público e secretário do Conselho da Santa Inquisição e, em 1513, foi oferecido a Oviedo um cargo de inspetor de minas e escrivão geral em Darién⁵. A expedição que o levou às Américas, liderada por Pedrarias Dávila (1440-1531), teve sua partida bastante atrasada pela ação de defensores dos ameríndios, a tal ponto que foi nomeado um painel de teólogos para analisar o caso. A armada finalmente zarpuou em 1514, após a elaboração do *requerimiento*⁶, um documento que era para ser lido para os ameríndios

⁴ Córdoba foi enviado à Itália para negociar o tratado de Granada (1500), através do qual França e Espanha dividiam o controle sobre o então Reino de Nápoles.

⁵ A região de Darién é uma área selvagem, no limite entre a América Central e a América do Sul, onde hoje é o Panamá.

⁶ O *requerimiento* era um texto, criado no contexto das leis de Burgos e usado durante a conquista da América, que deveria ser lido em voz alta pelos conquistadores para grupos, assembleias ou autoridades dos povos indígenas, como procedimento formal

antes de qualquer ação armada, exigindo que eles reconhecessem a autoridade da Igreja e da Espanha, jurando fidelidade ao Papa e à Coroa. De acordo com o trabalho de Alberto Salas, foi durante essas negociações para a partida da expedição que Oviedo conheceu Las Casas (Salas, 1959). Em seu *História geral e Natural das Índias*, Oviedo observou sarcasticamente que:

[...] andava por ali um reverendo [...] procurando falar com sua Majestade e com os membros do Conselho das Índias. (Myers, 2007, p. 74)

Gonzalo Fernández de Oviedo, sempre acreditou que a conquista dos ameríndios era mais que uma vontade da Corte Espanhola: era também seu direito e seu dever. Ele nunca questionou a legitimidade do papel da Espanha nas Américas e argumentava que somente a influência espanhola poderia disciplinar um povo “preguiçoso”, “inclinado à mentira”, e com hábitos bárbaros que incluíam “adoração a deuses pagãos” e canibalismo (Oviedo [1552], 1851, pp. 109-113). Em um trecho de seu livro mais importante, *Historia Geral e Natural das Índias*, ele justificou a conquista e o extermínio dos indígenas:

[...] as pessoas desta região são naturalmente tão inúteis, corruptas, de pouco trabalho, melancólicas, covardes, sujas, de má condição, mentirosas, sem constância e firmeza [...] que Nosso Senhor permitiu que fossem eliminadas e banidas da superfície terrestres. (Oviedo [1552], 1851, p. 113)

Oviedo acusou Las Casas de conquistar apoio na Corte com uma mentira, prometendo grandes lucros para quem investisse em uma maneira mais humana de explorar as riquezas das Américas (Arias & Merediz, 2008, p. 59). Por sua parte, em sua *Historia de las Indias*, Las Casas descreveu Oviedo como:

para exigir sua submissão aos reis espanhóis e seus enviados (os conquistadores). O texto informava aos nativos que Deus, criador dos primeiros homens, tinha escolhido São Pedro e seus sucessores de Roma como monarcas do mundo, superiores em autoridade a todos os príncipes da Terra, e que os reis de Espanha eram legítimos representantes de Deus no Novo Mundo.

[...] muito bom orador, que sabia muito bem persuadir, além de ser um dos maiores inimigos que os índios já tiveram e que mais danos tinha feito [...]. (Arias & Merediz, 2008, p. 60)

Las Casas e Oviedo travaram uma rivalidade histórica, que alcançaria seu ápice com o texto *Contra Fernández de Oviedo* escrito por Las Casas, onde ele rebate diversas acusações feitas por Oviedo contra os indígenas. O texto baseia-se principalmente na acusação de que Oviedo

[...] não viveu entre os índios e que ele não os tratou, exceto assim que pudesse aproveitá-los como bestas, não para conhecê-los mas sim para buscar o seu próprio benefício. E se ele tentou por cinco anos, ele fez isso apenas em uma pequena região e não era para conhecê-los, mas para roubá-los, capturá-los e escravizá-los no trabalho das minas e em outras obras cruéis que os mataram com fome e outras aflições. (Las Casas [1559], 1992, p. 573)

2 DESCRIÇÕES DE PLANTAS

As descrições de plantas feitas por Las Casas devem ser sempre vistas no contexto de sua construção da ilha de Hispaniola como um paraíso terrestre. O Novo Mundo aparece como sendo sempre melhor do que a Europa. Não se percebe pelos seus escritos nada de sinistro que possa colocar as Américas como um mundo à parte, ontologicamente diferente da Europa. Las Casas condenava as ações da Espanha no Novo Mundo e sua visão da natureza paradisíaca das Américas serviu de base para o seu argumento de que o clima do mundo novo produziu seres humanos capazes de organização social racional. De acordo com o estudo de Helen Parish sobre o *Apologética Historia Sumaria*, na base do argumento de Las Casas estava que, embora houvesse um objetivo legítimo na conversão dos ameríndios para o cristianismo, sua escravidão não poderia ser justificada por qualquer motivo (Parish, 1992, p. 193).

As descrições de Las Casas eram governadas pela crença na universalidade da natureza de que as leis de Deus operam da mesma forma em todos os lugares. Nesse ponto, percebe-se uma influência decisiva de Tomás de Aquino na maneira como Las Casas interpretou os fenômenos do Novo Mundo. Tomás de Aquino dizia que a razão

humana seria capaz de provar a existência de Deus de cinco formas distintas, apoiadas na experiência. A quinta forma seria a percepção de que as coisas possuem uma finalidade. Como é evidente que o universo existe, isso significa que as coisas atingem seu fim. Assim, haveria de existir um “Ordenador Universal, uma Inteligência primeira, ordenadora da finalidade das coisas, Deus, atuando em todo o universo” (Kreeft, 1990, p. 67). A narrativa de Las Casas tem o objetivo claro de minimizar o exotismo do que observava. Ele apresenta sua seção de plantas herbáceas com uma passagem particularmente interessante:

Quanto às ervas, são imensas em quantidade as que existem nessas ilhas, e de espécies tão diversas, e creio que de grandes virtudes medicinais, porque são muito belas e coloridas, muitas delas como que cortadas à tesoura, que logo parecem ter sido assinaladas por sua virtude. (Las Casas [1559], 1992, p. 202)

Ele sugeriu que essas plantas pareciam ter sido delicadamente cortadas com tesoura. Não havia nada selvagem ou aleatório e tem-se a impressão que o que estava sendo descrito era um jardim e não um território selvagem. Conforme argumenta Brian Ogilvie em seu trabalho sobre as descrições da natureza na Europa renascentista, a noção de que a mão de Deus (em funcionamento através da natureza) foi atuante em todo o mundo natural era um dos dogmas centrais da filosofia natural, cujas preocupações centrais foram a apreciação da existência de Deus, a bondade, a providência, a premeditação, generosidade e provisão de sua criação (Ogilvie, 2006).

Além disso, Las Casas defendeu a existência de uma *legibilidade na natureza*, evidente pela suposição de que a beleza das plantas deve sinalizar propriedades medicinais. A beleza não era um fator em si, mas estava presente como forma de apontar para uma virtude da planta. Deus não apenas fez plantas dotadas de qualidades úteis ao homem, ele também indicou a sua utilidade com sinais que podem ser decifrados. Tanto a noção de que a natureza é obra de Deus, como a ideia de que o Criador tem estruturado seu trabalho de tal forma que ele pode ser lido por seres humanos, são componentes importantes de representação de Las Casas do mundo natural. Nesse ponto, Las Casas está sendo influenciado pela chamada *doutrina das assinaturas* (criada por Dioscórides por volta do ano 70) – uma das primeiras

tentativas de desvendar o código da natureza. Sendo um homem muito letrado, Las Casas provavelmente conhecia Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, o Paracelso, e havia lido em seu livro *Plantas Mágicas*:

Não é a vontade de Deus que o que ele cria para o benefício do homem e o que ele tem nos dado deve ficar escondido [...]. E mesmo que ele tenha escondido certas coisas, ele permitiu que nada de ficar sem exterior e sinais visíveis na forma de marcas especiais – exatamente como um homem que enterrou um tesouro marca o local para que ele pudesse encontrá-lo novamente. (Paracelso [1522], 1976, p. 131)

Nesse ponto, existe uma distinção importante entre Las Casas e Oviedo. Para Oviedo, tanto os seres humanos do Novo Mundo quanto seu ambiente eram fundamentalmente diferentes daqueles que ele conhecia no Velho Mundo. Ele não chegou a afirmar que a natureza do Novo Mundo seria de todo distinta da Europa; ele reconheceu que ambos os hemisférios seriam governados pelo mesmo Deus, e que, portanto, a ordem natural não poderia ser fundamentalmente diferente nas Américas. No entanto, Oviedo tinha prazer nas particularidades. Ele não negava de forma categórica a unidade do mundo natural, mas suas descrições eram tão cheias de maravilha e encantamento com a novidade do Novo Mundo que a noção de unidade ficava em segundo plano frente ao relato de particularidades e idiosincrasias. As diferenças de tratamento dado por Las Casas e Oviedo à natureza encontrada na nova terra fica evidente quando eles descrevem a mesma árvore com pontos de vista bem distintos. A árvore em questão era chamada por Las Casas como “Guao” (Las Casas [1559], 1992, pp. 193-196) e por Oviedo como “Manzanila” (Oviedo [1552], 1851, p. 359) Embora não exista absoluta certeza de que se trata da mesma planta, seu uso e os efeitos descritos são bem parecidos, de forma que se acredita que seria, de fato, a mesma.

Las Casas escreveu uma descrição muito breve da aparência da árvore, quase sem detalhes, e afirmou que os índios a utilizam para fazer veneno para suas flechas. Entre as descrições dos seus efeitos, ele disse que bastaria que os ramos tocassem alguém que andava pela floresta para que seu rosto ficasse inchado e houvesse uma forte sensação de queimação muito duradoura. Mas Las Casas foi rápido em

acrescentar que os efeitos só acontecem em pessoas mais sensíveis, que ele chamou de “homens muito brancos e delicados”. Aos “coléricos... não causa dano algum”. Disse ainda:

A mim me encostaram muitas vezes as ramas no rosto e nunca me fez mal, porque não sou dos brancos e fleumáticos (Las Casas [1559], 1992, p. 195).

Além disso, afirmou que essas árvores não se encontravam por todos os lugares na Ilha de Hispaniola, estando concentradas em determinada região. Assim, Las Casas se esforçou sempre por minimizar aspectos negativos da flora, comprometendo algum grau de veracidade em seus relatos.

Ao contrário de Las Casas, Oviedo não lançou mão de nenhum recurso para diminuir a malignidade da planta e, portanto, um retrato mais realista emergiu da narrativa Oviedo descreveu de maneira detalhada sua aparência, afirmando que o veneno era irremediável (Oviedo [1552], 1851, p. 359), e continuou a dizer que aqueles que, inadvertidamente, adormeciam próximo à fogueira de seu tronco acordavam com dores de cabeça, acrescentando:

[...] e se acaso um ramo dessa árvore bate no rosto, é como fogo, e levanta e põe em brasa os couros de tudo o que toca; e se caem nos olhos, ou os danifica, ou cega, ou os põe em grande trabalho e perigo de os perder. A lenha dessa árvore, quando acesa, não há quem consiga ficar perto por muito tempo, porque logo causa problemas, e dá tanta dor de cabeça que quem quer que esteja nas cercanias tem de se retirar, homem ou animal. (Oviedo [1552], 1851, p. 359)

Uma clara vantagem de Oviedo sobre Las Casas reside no fato deste ter adotado Plínio, O Velho, como principal referência de seu trabalho, especialmente no que dizia respeito à flora. Essa referência ficou clara no número de vezes que Plínio foi citado e também na própria estrutura do relato, tentando sempre classificar as plantas de acordo com categorias taxonômicas (“árvores”, “plantas herbáceas”, entre outras). Nesse ponto, no entanto, enquanto Las Casas descrevia as plantas desconhecidas, sempre as comparando com os familiares já conhecidos na Europa, Oviedo percebeu que a natureza contida no novo mundo ia muito além das categorias aceitas e conhecidas, passando então a enfatizar a novidade da natureza americana. Nesse

aspecto especificamente, Oviedo foi um dos cronistas que afirmou de maneira mais contundente que o conhecimento institucionalizado não dava conta dos novos seres, e novas categorias teriam que ser criadas.

Isso fica claro quando se observa a utilização dos nomes indígenas para muitas plantas que ele descreveu. Não por um respeito a culturas ameríndias, mas sim como recurso para contornar a diferença insuperável entre o Novo Mundo e o Velho. Oviedo admitiu a incapacidade da linguagem europeia para transmitir a realidade americana.

No que dizia respeito à mandioca. Oviedo reconheceu imediatamente a singularidade da planta, e tratou de dar uma descrição o mais precisa possível. Já Las Casas descreve a mandioca tentando fazer relação de suas características com plantas que ele conhecia. Dessa forma, ele descreveu a parte da planta que fica acima do solo através de uma comparação com as vinhas, representando a cultura indígena com traços baseados na cultura europeia.

Ao descrever o Pan Cazabi, feito de mandioca, Oviedo se mostrou fascinado pela ideia de que a mandioca não tratada era um veneno mortal, e ele dedicou um grande espaço de texto ao tema. Ele começou explicando nos termos mais fortes possíveis que o suco extraído da mandioca:

[...] é tão péssimo veneno, que somente com um pequeno gole matará o elefante ou qualquer homem ou animal vivente. (Oviedo [1552], 1851, p. 271)

Para Oviedo, era chocante o fato de uma cultura fazer tão largo uso de uma planta venenosa, coisa jamais vista na Europa.

Por último, vale ressaltar a descrição que Oviedo fez do abacaxi, chamando atenção de sua singularidade e diferença. São quase quatro páginas inteiras com enorme riqueza de detalhes de seu aspecto físico, fisiologia da planta e propriedades como gosto e sensações que desperta e quem experimenta:

E se, por falta de cores eu não chegar à dar a entender o que pretendia dizer, que se jogue a culpa em meu juízo, pois, a meu ver, é a mais bela fruta de todas as frutas que eu já vi, e a que melhor sabor tem, e em sua grandeza e cor, que é verde, brilhante, ou matizado de uma cor amarelo muito forte, e quanto mais se vai amadurecendo, mais se torna amarela e menos verde, e assim se vai aumentando a cor, e o

gosto é melhor do que o gosto do mais saboroso melão, e mais suculento. (Oviedo [1552], 1851, p. 302)

Oviedo, antes de mais nada, reconheceu a incapacidade de descrever a fruta em comparação com qualquer outra conhecida na Europa:

Existem nessas ilhas espanholas uns cardos, que cada um deles leva uma pinha, posto que, por parecer-se com a pinha, assim as chamam os cristãos, mesmo sem o ser. (Oviedo [1552], 1851, p. 302)

Oviedo sabia que se tratava de uma planta distinta da pinha, mas reconheceu que não existia nome apropriado na língua espanhola para representá-la. A descrição escrita de Oviedo, contrastando a pinha e o abacaxi, era bastante precisa, observando em primeiro lugar que as pinhas eram “de madeira, ou quase”, e depois falando que no abacaxi, ao contrário da pinha, as frutas “não se abrem nem se dividem através das escamas, como no caso dos pinhões” (Oviedo [1552], 1851, p. 302).

Aqui cabe apontarmos uma diferença marcante entre Las Casas e Oviedo, que foi o uso de desenhos. Enquanto Las Casas não fez desenhos de plantas, as ilustrações de Oviedo marcaram uma quebra com a tradição pictórica medieval, que buscava representar o significado simbólico das coisas, para uma representação mais próxima à do renascimento, com seus detalhes realistas. Oviedo apresentou características dessas duas vertentes, ora estilizando as plantas, ora retratando detalhes de forma muito cuidadosa. Quando descreveu o abacaxi, seu desenho acabou estilizando exageradamente a fruta, não contribuindo para a descrição da planta muito além do que já havia feito em sua escrita (Figura 1). Como exemplo de um desenho com características mais realistas, temos o caso da planta que Oviedo chamou “coigaraca”, que pertence à família *Asteraceae* (Figura 2). Nesse caso, o desenho chega a se aproximar das atuais ilustrações botânicas (Myers, 2007).



Fig. 1. Abacaxi conforme desenhado por Oviedo. Aqui, a escala exagerada do fruto em relação às folhas, e o grau de detalhamento do desenho não acrescentam informações válidas em comparação com a descrição escrita feita pelo cronista. Fonte: Oviedo [1552], 1851, p. 303.



Fig. 2. Planta coigaraca conforme desenhada por Oviedo. Um grau de detalhamento incomum para relatos de sua época. Fonte: Oviedo [1552], 1851, p. 198.

3 CONCLUSÃO

As novas epistemologias que surgiram com a descoberta das Américas foram profundamente influenciadas pelo projeto imperial. As descrições que os conquistadores faziam do Novo Mundo eram um reflexo de seu compromisso ideológico, e talvez nenhum outro cronista tenha deixado isto tão claro quanto Bartolomé de Las Casas e Gonzalo Lopez de Oviedo.

Aqui, utilizamos o conceito de ideologia conforme definido por John B. Thompson, como “concepções críticas de ideologia” (Thompson [1990], 1995, p. 73). Assim, ideologia deve ser entendido não somente como “sistemas de pensamento”, “sistemas de crenças” ou “sistemas simbólicos” pertencentes às ações sociais e políticas, mas como aquilo que confere determinado sentido a algo de forma a estabelecer e sustentar relações de poder. Falando de uma maneira mais ampla, usamos o termo ideologia como “sentido a serviço do poder” (Thompson [1990], 1995, p. 31).

Escrevendo principalmente durante o início do século XVI, Las Casas e Oviedo eram proeminentes representantes de duas correntes

distintas de pensamento no que diz respeito à forma como as novas terras americanas deveriam ser exploradas. Apesar dessas diferenças, ambos possuíam ao menos um elemento em comum: o comprometimento com a descrição empírica da natureza do novo mundo. O que torna a comparação entre as descrições da natureza americana feitas pelos dois tão atraente é o fato de os cronistas serem contemporâneos e terem visitado as mesmas regiões nas Américas. Além disso, eles não apenas se conheciam, como também protagonizaram um interessante combate intelectual.

As descrições de Las Casas foram guiadas pelo seu compromisso ideológico defendendo os ameríndios, mas também por sua formação em filosofia natural. Ao mesmo tempo que tentava descrever empiricamente as plantas que observava, ele procurou integrar esses fenômenos em sua narrativa paradisíaca, enfatizando a beleza quase milagrosa das plantas em questão. Las Casas frequentemente assumiu a perspectiva de um filósofo natural, mostrando como Deus operaria através das relações causais inerentes ao mundo natural. Mas ao longo dos fenômenos naturais que ele descreveu, é possível sentir a tensão entre as diferentes correntes discursivas que alimentavam sua narrativa. No entanto, essa tensão nunca se impõe completamente sobre o que é uma visão estável da natureza. No final, Las Casas conseguiu integrar elementos anômalos em sua visão global da América como um paraíso.

O que diferencia os relatos de plantas entre Las Casas e Oviedo é o ponto de vista a partir do qual observaram a natureza. Se os escritos de Las Casas sobre o mundo natural podem ser melhor compreendidos no contexto de sua luta para defender os ameríndios, as descrições da natureza de Oviedo devem ser vistas no contexto de seu papel como um funcionário dedicado do Império Espanhol. Seu livro mais importante, *Historia Geral e Natural das Índias*, foi escrito de acordo com suas responsabilidades como historiador da Coroa. Embora o livro tenha refletido sua própria curiosidade e sua capacidade de deliciar-se com a novidade da natureza americana, ele nunca perdeu de vista seu papel como cronista real. Sendo assim, era uma de suas funções atuar na catalogação de plantas e animais para que a corte pudesse avaliar as possibilidades de exploração dos novos territórios.

Ao contrário de Las Casas, Oviedo muitas vezes achou difícil encaixar suas descrições empíricas no âmbito de modelos estabelecidos. Embora imbuído da função primordial de catalogação, ele reconheceu que uma nova forma de representar a flora encontrada no novo mundo deveria ser criada e que as categorias antigas sob as quais se organizava o conhecimento sobre as plantas tinham que sofrer reformulações. Oviedo reconheceu que, para explicar ou catalogar parte da natureza das Américas, os sábios antigos não podiam ser utilizados:

[...] eu sei que existe neste império das Índias [...] tais grandes reinos e províncias e de tais pessoas estranhas e diversidades e costumes e cerimônias e idolatrias longe do que foi escrito, de *ab initio* até o nosso tempo, que é muito curta a vida do homem para ver ou terminar a compreensão ou conjectura. Que talento mortal saberá como entender tal diversidade de idiomas [...] Tal variedade de animais [...] Tal multidão indescritível de árvores [...] Quantas plantas e ervas úteis [...]. (Oviedo [1552], 1851, p. 121)

Logo no primeiro livro da *História Geral e Natural das Índias*, Oviedo declarou que a obra trataria da cosmografia moderna das Índias Ocidentais. Esse trecho, que, à primeira vista, não trazia nada de novo, pode ser interpretado como uma mudança muito significativa para o conhecimento humano, porque apresentava uma associação entre os termos *ciência moderna* e *Novo Mundo*. Oviedo reconheceu que o Novo Mundo, em sua novidade, era passível de descrição. O tratamento que ele deu às plantas que observou, especialmente aquelas que não eram possíveis de serem explicadas pelo conhecimento europeu, demonstrou que Oviedo encarava a verdade científica não como aquela que se abstrai do mundo conhecido, mas sim a que se obtém na observação do desconhecido.

Oviedo vai aonde Las Casas e muitos outros cronistas não conseguiram, contribuindo com um importante passo para que a crise epistemológica aberta pela descoberta das Américas fosse resolvida. Os relatos de Oviedo são um divisor de águas na história das ciências naturais, dando um passo à frente no processo de descolamento de uma ciência antiga e que já não conseguia dar conta de explicar e catalogar a realidade do Novo Mundo, em direção a uma nova ciência, que deixariam marcas importantes para a consolidação da história natural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIAS, Santa; MEREDIZ, Eyda. Approaches to teaching the writings of Bartolomé de La Casas. Pp. 106-116, in: ———. *Las Casas versus Oviedo: The polemic between the “Defender of the Indians” and the “Enemy of the Indians”*. New York: Modern Language Association, 2008.
- CAÑIZARES ESGUERRA, Jorge. *Nature, empire and nation: Explorations of the history of science in the Iberian World*. Stanford: Stanford University, 2006.
- JOSAPHAT, Frei Carlos. *Las Casas: todos os direitos para todos*. São Paulo: Loyola, 2000.
- KREEFT, Peter. *Summa of the Summa*. San Francisco: Ignatius Press, 1990.
- LAS CASAS, Bartolomé de. *Obras completas* [1536-1559]. Edição Paulino Castañeda Delgado. Sevilla: Alianza, 1992.
- LOSADA, Angel. *Bartolomé de Las Casas in history: Toward and understanding of the man and his work*. Edition Juan Friede and Benjamin Keen. Chicago: Northern Illinois University, 1971.
- MYERS, Kathleen A. *Fernández de Oviedo’s chronicle of the Americas: a new history for a New World*. Trans. Nina M. Scott. Austin: University of Texas Press, 2007.
- OGILVIE, Brian W. *The science of describing natural history in renaissance Europe*. Chicago: University of Chicago. 2006.
- OVIEDO y Valdés, Gonzalo Fernandez de. *Historia General y Natural de las Indias*. Madrid: Imprenta de La Academia de La Historia, 1851. Disponível online em Biblioteca virtual de Polígrafos (<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?pid=d-2174546>), acessos em janeiro de 2018.
- PARACELSO, Filippo Teofrasto. *As plantas mágicas: Botânica oculta*. São Paulo: Hemus, 1976.
- PARISH, Helen Rand. Introduction. Pp. 3-65, in: ——— (ed.). *Bartolomé de Las Casas: the only way*. Trans. Francis Patrick Sullivan. New York: Paulist Press, 1992.
- PITOL, Ana Claudia Magalhães. *O exótico cruzou o Atlântico: o embarque e a presença de ameríndios na Europa (Séculos XV, XVI e XVII)*. Curitiba, 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná.

- SALAS, Alberto M. *Três cronistas de Índias: Pedro Mártir de Angleria, Gonzalo Fernández de Oviedo, Fray Bartolomé de las Casas*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1959.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa* [1990]. Trad. Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis: Vozes, 1995.
- WAGNER, Henry Raup; PARISH, Helen Rand. *The life and writings of Bartolomé de Las Casas*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1967.

Data de submissão: 10/05/2018

Aprovado para publicação: 01/06/2018